

Público

Ípsilon

19-02-2010

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 75000

Temática: Cultura

Dimensão: 193

Imagem: S/Cor

Página (s): 42

Estreiam

O charme discreto das coisas inanimadas

A natureza-morta na Europa durante os séculos XVII e XVIII é o tema da grande exposição da Fundação Gulbenkian para este ano. **Luísa Soares de Oliveira**

A Perspectiva Das Coisas. A Natureza-Morta Na Europa, Séculos XVII-XX

De Juan Sánchez Cotán, Juan van der Hamen, Pieter Claesz, Juan Zurbarán, Rembrandt van Rijn, Antonio de Pereda, Nicolas Largillier, Jean Siméon Chardin, Luis Meléndez, Francisco de Goya, entre outros.

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. Tel.: 217823700. Até 02/05. 3ª a Dom. das 10h às 18h.

Pintura.

★★★★★

É sempre importante observar com que obras começa a visita de uma exposição. No caso de "A Perspectiva das Coisas", o primeiro volante de um projecto ambicioso que contemplará também os séculos XIX e XX (a partir de Outubro de 2011), esse início faz-se com uma pintura de autor anónimo do século XVIII, o Mestre da Natureza Morta de Hartford que, por volta de 1600, pintara numa tela um conjunto de objectos onde se destacava uma cesta de frutos provavelmente inspirada numa pintura de Caravaggio. A obra, como outras do seu tempo, embora de modo mais claro que o habitual, autonomizava a pintura de objectos que, até à época, nunca constituía o tema único da pintura. Podia surgir como complemento de cenas religiosas, de história ou de retratos, como sucedia com Caravaggio, mas nunca como objecto do estudo e do interesse do artista.

Juntamente com esta, muito perto dela na montagem, surgem naturezas-mortas de três mulheres artistas: Fede Galizia, Clara Peeters e Louise Moillon, todas elas também do século XVII. De facto, embora a historiografia da arte geralmente ignore a pintura feita por mulheres durante esta época, ela existe, e também se dedica à exploração deste género tão próximo do mundo feminino da época. A escolha é surpreendente e até mesmo um

A Natureza Morta de Hartford abre uma exposição revolucionária pelo tipo de selecção operada



pouco revolucionária em relação a exposições deste tipo, quase sempre pouco inovadoras em termos de selecção de artistas, obras e critérios de montagem. Mas a natureza-morta, de facto, vive da representação de frutos, flores, taças, pratos e utensílios de cozinha, doces e objectos de uso quotidiano, livros e peças de caça, enfim, tudo o que o artista (ou a artista) podia encontrar sem grande procura, dedicando-lhe o tempo necessário à reprodução dos volumes, das cores, dos efeitos de luz ou do desenho, consoante o seu interesse. Em certa medida, estabeleceu-se desde o seu início como um género marginal e cheio de autenticidade. Esta primeira parte da exposição dá conta deste facto, e denota esta procura fantástica do belo na humildade das coisas, mas também, em certos casos, a imortalização através da tela e do pincel de objectos preciosos e raros: jóias, gabinetes de curiosidades, armas. Em todos os casos - e o comissário da exposição, Peter Cherry, frisa-o bem -, a natureza-morta nunca é considerada pelo artista como um género menor, ao contrário do que academias e teóricos da época estabeleciam: é sempre, pelo contrário, um meio de experimentar uma grande liberdade criativa, já que só esporadicamente está sujeita às normas estritas das encomendas feitas por clientes.

A exposição conta com obras excelentes, escolhidas a dedo em grandes museus de todo o Ocidente e em colecções particulares. Servida por uma excelente montagem, que privilegia os fundos quentes e sombrios para destacar as obras, divide-se em dez núcleos que seguem o conceito proposto: encarar a natureza-morta como um género autónomo, repleto de espontaneidade, de liberdade e, mesmo, de modernidade: entre as obras iniciais, que testemunham de um maravilhamento perante a riqueza do mundo, e as últimas, duas naturezas mortas de Chardin e de

Goya, que abdicam da reprodução fiel para nos transmitir um olhar subjectivo e pré-romântico sobre as coisas, vai uma distância que se equipara à da evolução do pensamento nestes 200 anos, mas que não abdica nunca desses pressupostos já enunciados. Entretanto, ficam na memória nomes e obras de Josefa d'Obidos, Zurbarán, Frans Snijders, Claez, Brueghel, Oudry e mesmo Rembrandt, numa lista que não é de todo representativa das 71 pinturas aqui presentes. Um destaque especial deve ser dado à secção que contempla a "vanitas", um sub-género alegórico que chama a atenção para a perenidade dos bens terrestres: é aqui que uma extraordinária pintura de Stoskopff, representando um conjunto de copos de cristal, chama a atenção pela mestria com que o tema é tratado.

"A Perspectiva das Coisas", que é acompanhada por um catálogo de referência, não irá infelizmente viajar para outros museus mundiais. É também a única grande exposição que a equipa do Museu Gulbenkian produzirá este ano, num reflexo das restrições orçamentais que também aqui se fazem sentir. Contudo, justifica por si a fama do museu e a competência de comissário e equipa museológica. Espera-se por isso que a segunda parte da exposição acompanhe as expectativas geradas por esta primeira abordagem ao tema da natureza-morta.